

ASPECTOS CABALÍSTICOS NA OBRA DE ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA

Josevânia Souza de Jesus Fonseca¹

RESUMO

O presente trabalho corresponde a uma pesquisa inicial que tem como objetivo identificar os aspectos da Cabala na obra de Antônio José da Silva “*O Judeu*”, para tal utilizaremos como fonte o tomo primeiro da obra *Theatro Comico Portuguez ou Collecção das Operas portuguezas que se representarão na Casa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa*, analisada à luz do paradigma indiciário e do referencial teórico da História Cultural. Essa obra foi reunida anonimamente e publicada pelo impressor Francisco Luiz Ameno, em 1744. Trata-se de quatro peças teatrais produzidas por Antônio José, que como um porta-voz do seu tempo e da sua cultura, utilizou-se das peças teatrais para perpetuar aspectos do misticismo judaico ao passo que satirizava a sociedade lisboeta e a repressão católica aos cristãos-novos, sob o signo da Inquisição.

Palavras-chave: Antônio José, cabalismo, cultura criptojudáica.

Pesquisar sobre a cultura cristã-nova no mundo ibérico não constitui tarefa fácil, tendo em vista que a perseguição empreendida pela ordem político-religiosa vigente obrigou os judeus a abdicarem a sua tradição e aderirem ao catolicismo. Esse fato aparentemente representou um etnocídio, no entanto, os judeus encontraram na linguagem mística e dissimulada da Cabala uma forma de o grupo se manter unido numa comunicação somente acessível aos iniciados².

A perseguição aos judeus no mundo ibérico teve início em 1492, por ocasião da assinatura do Editto de Expulsão na Espanha, pelos reis católicos Fernando e Isabel, obrigando os judeus a se dispersar pela Europa, principalmente para Portugal onde viveram livremente, sem perseguições, mesmo com a existência de leis como as do Concílio de Latrão que os obrigava a usar sinais em suas vestimentas. Em Portugal, o problema do converso conhecido como cristão-novo surge quando D. Manuel

(pressionado pela Espanha) concorda com expulsá-los do país, no entanto o rei consciente da importância econômica do grupo proibiu a saída através da prática da conversão forçada³.

Nesse sentido, isolados do judaísmo tradicional e imersos em um mundo de fé cristã, os conversos criam suas próprias defesas contra uma realidade na qual eles não se encontravam, judaizando secretamente em seus lares e mascarando sua cultura através da simbologia cabalista⁴.

Antônio José da Silva, também conhecido pela alcunha “O Judeu” é um exemplo de descendente de converso que usou a palavra como forma de resistência e mesmo sendo perseguido pela Inquisição continuou desafiando a sociedade na qual estava inserido. Essa característica do teatrólogo associada à sua condição de cristão-novo o levou a sentir desde cedo a perseguição empreendida pela Inquisição ao seu grupo, mesmo sem a instituição do Tribunal do Santo Ofício no Brasil.

A Inquisição atuou no Brasil em três momentos, de 1591-1595 na Bahia, em Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, conduzida pelo visitador Heitor Furtado de Mendonça, tinha como objetivo combater as heresias e fiscalizar os cristãos-novos que prosperavam com a economia açucareira, além de estender sua atuação aos domínios ultramarinos. A segunda visitação ocorreu de 1618 a 1621 na Bahia, comandada por Marcos Teixeira, tinha como foco especial os cristãos-novos, porquanto havia a suspeita de ligações desses com os judeus de Amsterdã, e de uma possível invasão dos holandeses. O terceiro momento se deu em 1763 e se estendeu até 1769 no Grão-Pará e objetivava conhecer melhor a região após a expulsão dos jesuítas. Foi chefiada por Geraldo José de Abrantes, numa época em que a Inquisição portuguesa era controlada pelo marquês de Pombal⁵.

Os cristãos-novos de Portugal e em extensão da América portuguesa⁶, foram os alvos preferidos da Inquisição, pois representavam um problema à medida que concorriam economicamente com os cristãos-velhos, além de suas fortunas despertarem a cobiça desses últimos⁷.

Nesse contexto é que a Inquisição passou a fazer parte diretamente da vida de Antônio José da Silva, e, para a compreensão desse autor é preciso elucidar sua breve trajetória de vida, a começar pelo Rio de Janeiro do século XVIII.

Nascido de família hebraica, no Rio de Janeiro, em 1705, Antônio José aos oito anos de idade viu seus pais, João Mendes da Silva e Lourença Coutinho, serem acusados de judaizantes e seguirem sob prisão para Portugal onde foram condenados às penas de confiscação de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial a

arbítrio dos Inquisidores, instrução na fé católica, penas e penitências espirituais⁸. Além dos pais, avós, tios, primos e sobrinhos de Antônio José também saíram penitenciados em autos de fé.

Aos 21 anos de idade “O Judeu” foi preso e processado pela primeira vez, sob acusação de judaísmo, em 08 de agosto de 1726, em outubro do mesmo ano foi solto depois de sentenciado com penas de confisco de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuo, instrução na fé católica e penitências espirituais. Em liberdade, Antônio José tentou refazer a vida dedicando-se à advocacia e à família, é nessa época que começa a escrever as primeiras comédias, para serem encenadas no Teatro público do Bairro Alto de Lisboa.

Em 1737, foi preso pela segunda vez, denunciado por práticas secretas de judaísmo por sua escrava. À época da prisão Antônio José já era um teatrólogo respeitado em Portugal, e, conforme Kenia Pereira, acreditava que se salvaria da pena capital, já que alguns frades dominicanos depuseram a seu favor. No entanto a culminância do processo vai demonstrar o contrário

...no ano de 1739, com apenas 34 anos de idade, no auge da carreira de teatrólogo, o povo viu desfilar com carocha e sambenito um dos artistas mais respeitados de Portugal. De forma humilhante, ele se retratou e, desesperado, pediu para morrer na Lei de Cristo. Morte menos dolorosa. Se teimasse a morrer na Lei de Moisés, não lhe seria concedida a “bênção” do garrote, e teria assim de experimentar, com vida, os tormentos da fogueira⁹.

Antônio José deixou um legado de oito “óperas” ou “operetas” intituladas: *Guerras do Alecrim e da Mangerona, Labirinto de Creta, Esopaida, Encantos de Medeia, Anfitrião ou Júpter e Alcmena, Precipício de Faetone, Variedades de Proteu, A vida do grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho-Pança*, comédias musicadas que eram apresentadas por meio de marionetes. O autor serviu de inspiração para uma vasta produção bibliográfica, sobretudo no campo da literatura, todavia pouco se escreveu sobre os elementos da Cabala que estão dissimulados em suas peças teatrais cômicas.

Assim, algumas questões que podem ser levantadas são: Que aspectos da Cabala podem ser identificados na obra de Antônio José da Silva? Em que medida o cabalismo pode ser tomado como elemento constituinte de sua cosmovisão e da cultura criptojudáica na diáspora?

Para a realização da pesquisa será utilizada como fonte principal o tomo primeiro da obra *Theatro Comico Portuguez ou Collecção das Operas portuguezas que*

se representarão na Casa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa. Essa obra foi reunida anonimamente (provavelmente por medo da inquisição) e publicada pelo impressor Francisco Luiz Ameno, em 1744¹⁰. São quatro peças teatrais produzidas por Antônio José, a saber: *Vida de D. Quixote de la Mancha, Esopaida, ou vida de Esopo, Os Encantos de Medéa e Amphitryaõ, ou Jupiter, e Alcmena.*

A hipótese básica é que os indícios cabalísticos estão presentes em vários momentos na obra eleita para este estudo, disfarçados entre os elementos da mitologia greco-romana e espanhola, para enviarem uma mensagem criptografada aos de origem sefardita além de denunciar o esquema de opressão contra ele imperante.

Em uma primeira revisão pôde-se constatar a vasta produção sobre Antônio José da Silva e suas obras, dentre elas, destacam-se as obras de ficção, como *Antônio José ou o poeta e a Inquisição*, escrita em 1838 por Gonçalves de Magalhães; *O Judeu* do teatrólogo português Bernardo Santareno; dois filmes de cineastas brasileiros um intitulado *Doutor Judeu*, de Alberto Cavalcante e o outro *O Judeu*, de Iomtov Azuly¹¹.

Dentre as críticas literárias, ganham evidência os estudos de J. C. Fernandes Pinheiro *Antônio José e a Inquisição*, publicado em 1862; o trabalho do primeiro historiador crítico literário Inocêncio Francisco da Silva, que conseguiu decifrar o acróstico a ocultar-se em duas décimas presentes na primeira edição de *Obras Completas* do judeu, publicada em 1737; Antônio José Saraiva e Oscar Lopes, em *História da literatura portuguesa*; relevante também as contribuições biográficas de João Lúcio Azevedo e Alberto Dines.

Ainda no campo da literatura destaca-se a importância dos estudos de Fidelino de Figueiredo, *A literatura portuguesa*; João Pereira Tavares, José Oliveira Barata e de estudiosos franceses, Claude-Henri Frêches, *Introduction au théâtre Du Judeu, L' Amphitryon d' Antônio José da Silva (O Judeu), Le Dom Quixote, d' Antônio José da Silva: auteur du sonnet Alma Minha Gentil, Antônio José da Silva (O Judeu) et les marionettes e Antônio José da Silva et L' Inquisition*; além de Pierre Furter e seu estudo sobre o teatro barroco e Käthe Widmüller em *O Judeu e o teatro romântico*, estudo sobre o cripto-judaísmo no Brasil.

Antônio José também foi lembrado no livro *Os judeus no Brasil Colonial* de Arnold Wizinitzer e no Primeiro Congresso luso-brasileiro sobre a Inquisição promovido pela Universidade de São Paulo em 1987 em que foi objeto de três comunicações pertencentes a José Carlos Sebe Bom Meihy, Paulo Pereira e Isolina Bresolin Vianna¹².

Também no Brasil, a professora de Literatura Portuguesa Kênia Maria de Almeida Pereira, dedicou alguns dos seus mais importantes trabalhos à análise de obras de cristãos-novos há muito relegadas, a exemplo de *Prosopopéia* de Bento Teixeira e *Óperas do Judeu*. A autora identificou traços da cultura criptojudáica que através de uma leitura mais cuidadosa revelam mensagens de resistência e protesto.

Em seu livro *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*, a autora aponta vários momentos em que Antônio José utiliza símbolos judaicos disfarçados. Defende ainda que o Judeu usou a palavra como arma de resistência política e social.

Apesar da vasta produção acerca da obra do teatrólogo luso-brasileiro, ainda existem lacunas que carecem de investigação do ponto de vista histórico, e é com o intuito de contribuir com a historiografia que nos propomos a pesquisar os aspectos da Cabala na obra de Antônio José da Silva para em seguida analisar em que medida o cabalismo pode ser tomado como elemento constituinte de sua cosmovisão e da cultura criptojudáica na diáspora.

A elucidação de práticas dessa minoria proporcionará ainda uma maior consciência histórica da luta pela preservação da identidade mesmo diante da perseguição empreendida pelo Tribunal do Santo Ofício, reforçando assim, o sentimento de pertencimento não só ao grupo, como também à nação.

Além disso, o estudo ampliará o conhecimento de um dos elementos fundamentais da religiosidade dos judaizantes, os costumes místicos de origem cabalística, ainda pouco explorados. Nas óperas, a contínua referência à feitiçaria, às mandingas, aos encantamentos e desencantes, é um forte indício de que o autor fazia alusão cifrada à Cabala prática.

A seleção das óperas como fonte para a pesquisa histórica atende ao pressuposto de que elas são produtos culturais e representações que precisam ser decodificadas e desconstruídas para resgatar suas próprias singularidades, especificidades e intencionalidades. Entende-se como sendo a melhor forma de confrontar as informações contidas nos autos da Inquisição. Um embate de discursos carregado de ideias secundárias. Sendo assim, “o historiador deve ainda considerar o não-dito, o que está implícito nas entrelinhas e, ousando mais, pode até mesmo ler os silêncios da obra, fazendo aflorar o conteúdo latente”¹³.

Atinente à escolha do campo artístico para a análise histórica, Rosângela Patriota revela a legitimidade e pertinência do tema e dos objetos artísticos, e que essa prática nos remete aos clássicos da História Cultural, Jacob Burckhardt e Johan

Huizinga, passando pela área dos estudos culturais, em especial pelas proposições de Raymond Williams e Edward Palmer Thompson que direcionam para o fato de que o historiador que elege como documento central de sua pesquisa a obra de arte, dificilmente será o primeiro leitor do documento, diferente dos colegas que recuperam documentos originais inéditos dos arquivos, no entanto, a perspectiva de análise será diferenciada. O historiador busca a partir dos objetos artísticos, romances, filmes, peças teatrais, entre outros,

... recuperar a historicidade inerente a eles e construir um diálogo possível, com base em séries documentais que permitem maior inteligibilidade destes em relação ao processo vivenciado, assim como este fornecerá elementos que auxiliem na compreensão das especificidades do objeto estudado¹⁴.

Sendo assim, as peças teatrais selecionadas para a pesquisa passam a ser entendidas como uma representação da realidade, e como tal pode ser tomada como objeto de pesquisa pelo historiador que deseja compreender o universo cultural de um autor que representa o seu grupo, mesmo essa realidade não sendo transparente.

Por isso, o historiador detetive vai além daquilo que é dito, vê além do que é mostrado, exercitando seu olhar para os traços secundários, para os detalhes e para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos¹⁵.

Logo, o paradigma indiciário constitui o método adequado para a elucidação dos aspectos da cultura criptojudáica olvidados pela historiografia tradicional, porém perpetuadas nas metáforas de Antônio José da Silva¹⁶.

Para a análise documental nos valeremos das categorias conceituais fornecidas pela História Cultural, tais como o conceito de representação, mentalidades coletivas, visão de mundo, sensibilidades, identidade entre outros explicitados por Roger Chartier em seu clássico trabalho *A História Cultural: Entre práticas e representações*¹⁷ e Sandra Jatahy Pesavento em *História e História Cultural*¹⁸.

Por se tratar de uma pesquisa ainda em fase de projeto, podemos concluir apenas que Antônio José da Silva, O Judeu, representa um personagem ímpar não só para a literatura, o teatro e a música, como também para a História, tendo em vista que a releitura de suas obras possibilitará uma maior compreensão do contexto político, econômico e principalmente cultural do período em que foram produzidas.

¹ Josevânia Souza de Jesus Fonseca; Especialista em História Cultural, aprovada no mestrado em História da Universidade Federal de Sergipe; josevaniasouza@bol.com.br.

² PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: 1998, p. 48.

³ NOVINSKY, Anita. *Cristãos Novos na Bahia: A inquisição no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 30.

⁴ Entre os séculos III e IV, durante o cativeiro da Babilônia, surgiu o *Sefer Ietzirah* (Livro da Criação), o qual já apresentava uma constituição dos “32 caminhos místicos” da Cabala (10 mandamentos somados às 22 letras do alfabeto hebreu). A partir daí se esboça o que será um dos princípios da Cabala: a busca da presença de Deus por meio dos números e das letras. No Medievo, esses ensinamentos místicos são cultivados por duas figuras principais: Abraão b. David de Posquières e seu filho, Isaac O Cego (m.c. 1235), na Provença (sul da atual França). Mas, o marco definitivo se deu no século XIII, na Espanha. Nessa época surgiu o *Sefer ha-Zohar*, que estabeleceu as principais diretrizes da Cabala. Alguns aspectos presentes na obra são o panteísmo (influência neoplatônica), o teísmo, elementos de feitiçaria e demonologia medievais, unidos a um sentimento nacionalista judaico. A Cabala era uma mistura de tradição oral (a interpretação de textos sagrados) e especulações e preceitos místico-esotéricas da filosofia religiosa judaica, influenciados por outras doutrinas. Com o *Zohar* (Livro do Esplendor), a Cabala deixa de ser um movimento organizado e transforma-se numa doutrina sistematizada. (Citado por Marcos Silva em projeto de pesquisa intitulado: A CABALA E A CULTURA CRIPTOJUDAICA NA DIÁSPORA ATLÂNTICA DOS SEFARDITAS em 2011).

* SILVA, Marcos. *A cabala e a cultura criptojudaca na diáspora atlântica dos sefarditas*. Projeto de Pesquisa apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq em 2011.

⁵ REVISTA DE HISTÓRIA. Rio de Janeiro, SABIN, ano 7, nº 73, out de 2011, p. 36.

⁶ VAINFAS, Ronaldo. *Jerusalém colonial: judeus portugueses no Brasil holandês*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

⁷ NOVINSKY, Anita. *Cristãos Novos na Bahia: A inquisição no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 132.

⁸ Informações disponíveis em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/> nos processos de número PT-TT-TSO-IL/028/03458, 03458-1 e 03458-2 e 11806.

⁹ PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: 1998, p. 120.

¹⁰ <http://www.caravelas.com.pt/Theatro%20Comico%20Portuguez.htm>

¹¹ Os dois filmes foram censurados pela ditadura militar. O primeiro não chegou a ser exibido e o segundo só veio a público em 1995.

¹² Kênia Maria de Almeida Pereira realizou uma rica revisão acerca da vida e obra de Antônio José da Silva, em seu livro *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*, servindo como guia para a elaboração da revisão inicial do projeto de pesquisa apresentado. Além dessa obra, foi utilizado também o artigo *A feitiçaria e o judeu: Antônio José da Silva em Busca de Medeia* publicado na Revista de História e Estudos Culturais. Vol.8, nº 2, Agosto de 2011. Disponível em <http://www.revistafenix.pro.br>.

¹³ CARVALHO, Anelise Maria Müller de. E FLORIO, Marcelo. *A Literatura como Documento Histórico*. Revista D’Art. Disponível: http://www.centrocultural.sp.gov.br/revista_dart/index.htm. Acesso: 13/04/2012.

¹⁴ PATRIOTA, Rosângela. O teatro e o historiador: interlocuções entre linguagem artística e pesquisa histórica. In: *A história invade a cena*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 36.

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2 ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 64.

¹⁶ GUINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁷ Roger Chartier. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1988.

¹⁸ Idem.

